



A. M. McAndrew

AMO-TE MAIS DO QUE TE POSSO DIZER

TOP
SEL
LER

PRÓLOGO

13 de dezembro — Controlo

Charlotte

A vida tem muito de aleatório, bastante de imprevisível e uma pequena dose daquilo que podemos controlar.

Sentada na borda da cama, sinto as lágrimas escorrerem até caírem no vazio. Agarro o telemóvel com uma força exagerada que traduz o meu desespero, mas isso em nada altera o facto de o ecrã se manter teimosamente negro, nada, nem um som. A raiva contida ao longo das últimas horas transformou-se primeiro em medo, depois em tristeza e agora em pânico.

As luzes do jardim, acesas no escuro da noite, brilham através da janela, refletindo-se sobre a água da piscina numa dança de cores ao som de uma música inexistente. O relógio da mesa de cabeceira marca oito e cinquenta. Temos um jantar e ela nunca se atrasa.

Aconteceu alguma coisa. Eu sei. Eu sinto.

Um acidente. Estava atrasada, acelerou, olhou para o lado, o camião que seguia à frente travou de repente, o carro vinha demasiado rápido, o piso estava molhado, derrapou, saiu da estrada e embateu com violência no muro de cimento. Foi tudo tão rápido! Um instante e acabou!

O meu coração bate descompassado, tenho a sensação de que vou vomitar a qualquer momento.

Será que me telefonavam se houvesse um acidente? Acho que não. Claro que não!

Tento evitar estes pensamentos. De certeza que não houve nenhum acidente.

Há meses que ela anda estranha, distante, como se escondesse alguma coisa. Será outra pessoa?

À hora do almoço, quando lhe liguei, não atendeu, não devolveu a chamada, nada. Mesmo quando está no consultório, vê o telemóvel e, no mínimo, envia uma mensagem.

Quem será? Uma colega? Pode ser a Pilar. Afinal estiveram juntas durante quase dez anos. Ela diz que se afastaram. Só pode ser isso, estão juntas, a rir, a beber um copo de *Pinot Noir*...

Ligo pela centésima vez. Não atende. Tento o número fixo. O consultório já fechou há mais de uma hora e a chamada vai parar ao gravador.

Entro na casa de banho e fixo o meu reflexo no espelho. Cabelo despenteado, a camisa branca manchada pelas lágrimas, com os botões desapertados, revelando a alça do sutiã.

E se não for apenas um atraso?

Volto a sentar-me na cama. Na janela nada mudou, como se o tempo não tivesse passado.

Subitamente, ouço passos na escada. Olho para a porta do quarto que, com o cair da noite, ficou imerso na escuridão, e reparo que as luzes do andar de baixo estão acesas.

A voz dela rasga o silêncio:

«Charlotte! Charlotte? Onde estás? Desculpa o atraso, amor. Estás pronta? Vamos sair? Já são quase nove. Nem sabes o que é que me aconteceu hoje...»

Chegou. Não está morta. Não está no hospital. A voz é normal e o tom o habitual.

O medo dá lugar à raiva, a tristeza vira fúria. Como se atreve a fazer-me sentir assim?



Elena

Entro em casa a correr, com a pulsação disparada e a respiração ofegante. Habitualmente chego antes das oito, mas hoje, logo hoje que vamos jantar a casa do António, estou atrasada.

Foi um dia difícil, daqueles em que o universo parece conspirar contra nós.

Que estranho, quando a porta do elevador se abre no *hall*, as luzes estão todas apagadas. A casa está escura e parece vazia. Mas o *Cayenne* estava estacionado lá em baixo na garagem.

Acendo as luzes e atravesso a sala, no sofá repousa o casaco comprido com que ela saiu esta manhã. Lá fora, consigo ver a relva cuidadosamente aparada, as sebes cortadas na perfeição e um canto da piscina sob o reflexo da Lua. Apesar da pressa, paro por um momento e sorrio. Recordo o calor do verão, o som da água, o repouso merecido de um livro numa toalha esticada na relva.

Subo a escada, saltando os degraus dois a dois e gritando o nome dela.

Estará no duche? Mas porque é que as luzes estão todas apagadas? E música? Porque é que não há música? Todos os dias, assim que entra em casa, liga o som. Muitas vezes, mesmo antes de pousar as coisas. Hoje só se ouve o silêncio e só se vê a escuridão, mas tenho a certeza de que ela está em casa.

Entro no quarto.

A Charlotte está sentada na borda da cama, imóvel. Ao seu lado, umas calças de veludo azul-escuro e uma camisa de seda branca. No chão, caído, o casaco prateado lembra-me de que esta noite há um jantar.

Ajoelho-me junto dela, mas, antes de conseguir encostar os lábios aos seus, ela desvia-se. Olha-me friamente com os olhos cobertos de lágrimas: «Como é que foste capaz? Como é que me pudeste fazer isto? Não queres mesmo saber, pois não?»

«Estás a falar de quê? De que é que eu não quero saber? Podes parar, podes falar comigo... Por favor!» Ela parece incapaz de ouvir, continua

sentada na cama, a olhar para o chão. «Deixa-me explicar, Charlotte. Para um momento e ouve-me!»

Conheço-a há tempo suficiente para antecipar o que se passa. Sei que está zangada, deve ter ficado aterrorizada por não saber onde é que eu estava, ainda por cima atrasada e sem telemóvel desde a hora do almoço.

Será que vale a pena tentar explicar? Podia deitar-me ao seu lado, esquecíamos o jantar e ficávamos aqui abraçadas, juntas, até ela acalmar. Talvez este fosse mesmo o melhor plano. Talvez não. De certeza! Mas não sou capaz... tenho de lhe explicar. Quero abraçá-la, confortá-la, e dar-lhe a certeza de que está tudo bem. Não faço nenhuma destas coisas. Começo a falar, mantendo-me sentada no chão mais ou menos na mesma posição.

«Eu sei..., eu sei que deves ter ficado preocupada, e tens toda razão, desculpa! Devia ter arranjado forma de ligar. Nem imaginas..., foi uma coisa atrás da outra..., no meio da confusão, acabei por não conseguir. Desculpa!», digo isto mantendo o tom de voz baixo e tranquilo, como se essa tranquilidade a pudesse acalmar, não só a ela como a mim própria. Suspiro profundamente e continuo: «Para de chorar, por favor! Hoje de manhã, quando saí do ginásio, tinha mais de duas horas antes da primeira consulta. Fui ao café da Lola, queria aproveitar para rever umas notas de sexta-feira. Fiquei na esplanada, bebi dois *cappuccinos*, fartei-me de trabalhar e falei com a minha mãe. Ela ligou para saber se vamos lá almoçar no dia 25. Parece parvo, mas, quando dei por mim, já estava atrasada. Saí a correr. Ia ligar-te quando cheguei ao consultório, mas vi que não tinha o telemóvel. Já não dava tempo para voltar atrás. Sabes quantos doentes tinha hoje? Sete. Está tudo muito agitado. As pessoas andam menos tolerantes..., como se não bastasse, tinha dois doentes novos. Um deles demorou mais de uma hora. A semana passada disse-te que me tinham ligado a pedir para ver um rapaz novo que tem umas queixas de cansaço e insónias, há meses, e ninguém lhe encontra nada que justifique isso. Quando acabei, saí a correr, voltei ao café, e, felizmente, o telemóvel tinha ficado lá, em cima da mesa. Não sei porquê, mas ficou sem bateria.»

Paro, sem fôlego, levanto a cabeça e olho diretamente para ela. Acho que parou de chorar. Inspiro profundamente e mudo a posição das pernas que me doem.

Falei tão depressa quanto fui capaz e sei que isso não tornou o meu discurso nem claro, nem harmonioso. Preciso de lhe dizer tudo, de lhe mostrar que não aconteceu nada, apenas uma série de circunstâncias infelizes.

O telefone toca e faz-nos estremecer a ambas. O som ecoa alto pelo quarto cortando o silêncio provocado pela minha pausa.

O relógio marca nove e quinze. Só passaram vinte minutos desde que cheguei e, no entanto, parecem-me horas. Deve ser o António. Continua à nossa espera para jantar.

A Charlotte não se mexe, permanece sentada, rígida, cruzando e descruzando os dedos de forma metódica.

Decido ignorar o telefone, que toca mais quatro ou cinco vezes acabando por se silenciar.

Ganho coragem e levanto-me, ficando de pé ao lado dela. Agora posso ver-lhe o rosto iluminado pela luz da janela. As lágrimas caem em silêncio. A camisa, com os botões de cima desapertados, expõe a sua pele. Por momentos, esqueço o que se está a passar e volto a sentir uma vontade imensa de a tomar nos braços, de a beijar.

«Podes não acreditar, mas, no meio da confusão, quando fui ao café procurar o telemóvel, deixei a carteira no consultório e ainda tive de lá voltar. Quando finalmente saí, o trânsito estava completamente parado. Fartei-me de buzinar, ao ponto de abrir a janela e insultar o homem do carro da frente. Não adiantou nada, claro! Tinha havido um acidente no túnel.», digo com sarcasmo. «Querida, peço-te mil vezes desculpa. Mas agora estou aqui... podes olhar para mim? Por favor! Diz alguma coisa.»



Charlotte

Mantenho-me imóvel, não por escolha, mas porque é impossível mexer-me. Logo depois de eles terem morrido, acontecia-me muitas vezes. Havia momentos em que via a minha vida do lado de fora, como uma espectadora que contempla os dias através de uma janela.

Aos poucos, deixo de sentir o sangue a latejar no pescoço e a sensação de vômito vai diminuindo.

Ela está de pé, à minha frente, à espera de uma resposta, à espera de um beijo, talvez mais, mas permaneço em silêncio, imóvel. Quero abraçá-la, segurá-la contra mim, para que não mais se separe, mas o corpo não me obedece.

Ela está viva. Não sofreu um acidente. Não está na cama da Pilar. Está aqui, à minha frente, desdobrando-se em esforços para me explicar o seu dia confuso, mas igual a tantos outros. Um dia «normal».

Adoro-a e isso apavora-me.

Perdida em pensamentos, com pena de mim mesma, não a vejo aproximar. Sinto os seus lábios tocarem levemente na minha bochecha. É um beijo suave, a explorar a segurança do caminho. Viro a cara e permito que os lábios se encostem. O meu coração dispara numa mistura insensata de desejo e paixão.

Com a ponta dos dedos, acaricia-me delicadamente o pescoço. Com a outra mão, agarra-me o cabelo junto à nuca e puxa, fazendo com que incline a cabeça para trás. No escuro, fecho os olhos e deixo-me ir, para onde quer que me leve. Empurra-me, fazendo com que fique deitada de costas sobre a cama. Sem dizer uma palavra, intensifica a pressão das suas mãos sobre o meu corpo. Os dedos deslizam do pescoço para os ombros, e daí para o rebordo da camisa entreaberta. Brinca e toca-me, sem ultrapassar o limite imposto pelo tecido. Pouco a pouco, a brincadeira torna-se mais séria, o desejo cresce, a sua mão sabe exatamente para onde quer ir, iludindo os sentidos e sondando zonas proibidas. O meu corpo reage como sempre acontece desde o primeiro dia,

desde o primeiro beijo. Fico arrepiada, entregue, à espera do próximo movimento.

Ela concentra-se num beijo. Toca com a língua na minha, morde-me o lábio inferior, depositando em cada gesto toda a sua paixão. É um beijo que procura apagar as últimas horas. Um beijo que pede desculpa e que, ao mesmo tempo, impõe a intimidade que só os anos são capazes de construir. Neste beijo está uma declaração de amor. Correspondo.

Sem dar explicações levanta-se e entra na casa de banho, que fica ao fundo, deixando a luz acesa, o que dá ao quarto uma luminosidade indireta. Ativou a música, e faz-se ouvir um *jazz* suave, de um disco antigo.

Quando volta, tem vestidas apenas umas cuecas pretas. Caminha devagar, sabendo o quanto me excita. Senta-se ao meu lado e, com uma lentidão premeditada e exasperante, começa a desapertar os poucos botões da minha camisa que ainda permaneciam fechados. A camisa fica finalmente aberta deixando ver o sutiã branco que contrasta com o castanho da pele.

As suas mãos debatem-se com o fecho das minhas calças de ganga. As calças são justas, o que não facilita o trabalho. Mas, com gestos precisos e alguma força, consegue abrir caminho.

Já não consigo manter-me quieta, afasto as pernas e balanço a anca procurando o seu contacto. Quero-a!

Volta a passar os dedos pela minha barriga, apoia a palma da mão firmemente dentro das minhas calças, contra o tecido das minhas cuecas. Sei exatamente onde isto me leva e quero prolongar o momento. Tento não ceder à tentação de me roçar contra aquela mão. Mas é exatamente isso que acontece, e masturbo-me em silêncio. É perfeito. O tempo para. O espaço desaparece.

«É bom?», pergunta num murmúrio. «Vamos ver até onde é que consegues continuar a brincar...» Enquanto fala, usa a outra mão para afastar as cuecas para o lado e penetra profundamente dentro de mim. Quase não consigo respirar. Em êxtase, prendo o ar dentro do peito, tentando recuperar algum controlo e segurar um espasmo que se aproxima. Os dedos deslizam, primeiro suavemente, pedindo aprovação,

mas aos poucos ganham confiança, e os movimentos tornam-se mais rápidos, mais fortes.

«Deixa-me despir, deixa-me sentir-te», murmuro.

Ela faz o que lhe peço. Livro-me finalmente da camisa e das calças, deixando-as cair para o chão, chego o edredão para trás e deito-me, de roupa interior, sobre o lençol de cetim imaculado.



Elena

Afasto-me silenciosamente enquanto ela se despe. O barulho da gaveta a fechar fá-la olhar para mim. Estou nua, no meio do quarto, com um lenço de seda rosa na mão. Sei que ela sabe exatamente o que pretendo, e não tenho dúvidas do quanto isso a excita. A imagem dela é quase suficiente para me provocar um orgasmo.

Em poucos segundos deito-me ao seu lado. Ela olha-me com um sorriso que não esconde a urgência. «Braços para cima!», ordeno.

«Não, por favor, não! Deixa-me tocar-te, deixa-me sentir-te», pede, fingindo implorar. Ao mesmo tempo e, porque ambas conhecemos bem este jogo, coloca os braços esticados sobre a cabeça. Uso o lenço e prendo-lhe os punhos com nós falsamente apertados. Ela, sempre tão dominadora, está aqui, vulnerável, entregue. Tenho dificuldade em controlar-me, encosto o meu corpo nu contra o dela, na tentativa de acalmar. Como seria de esperar, tem o efeito oposto.

Passo os dedos sobre o sutiã e sinto os mamilos rígidos reagirem sob a pressão do toque. Ela contorce-se, mas não mexe os braços, deixando-os na posição em que os coloquei, como se o lenço os prendesse, de facto, a alguma coisa.

Arranco-lhe o sutiã e deixo os seios expostos. Beijo um e depois o outro, segurando os mamilos entre os dentes. Ela não contém um grito. Sei que não vamos aguentar por muito tempo. Avanço mais depressa. Levo os lábios junto ao elástico das cuecas, deposito um sem-número

de beijos, e forço-as a descerem, atirando-as para longe. Finalmente, também ela está nua.

Volto a tocá-la com a língua, está ainda mais excitada do que antes, se continuar, vamos ambas perder-nos em segundos. Quero um prazer simultâneo, corpos unidos e gritos uníssonos.

Liberto o lenço que ainda lhe atava as mãos, e ela envolve-me imediatamente num abraço. Deixo-a tocar-me, enquanto ouço a sua voz junto ao meu ouvido repetir a frase que há muito aprendi a traduzir: «*Chérie, je t'aime plus que je ne peux te dire!*»

«Agora! Tem de ser agora!»

PARTE 1

CAPÍTULO 1

31 de dezembro — Ano Novo

Charlotte

A casa está cheia. Adoro festas! Quase esqueci esta sensação nos últimos meses. Não foi só a pandemia que nos afastou uns dos outros, a situação aqui em casa tem andado tão tensa que nunca parece ser o momento adequado nem para um jantar, quanto mais para uma festa.

Olho para as portas de vidro semiabertas que marcam a transição entre a sala e o terraço. Lá fora, as luzes douradas lembram-nos de que é Natal.

Num lapso de tempo esqueço a sala, o terraço, a festa de passagem de ano, e sou transportada para Paris. Recordo os jantares deslumbrantes da minha mãe, as ementas de *chef*, muitos deles amigos de casa, e os recitais de piano com que nos brindava no final da noite. Volto à passagem de ano do milénio. Nenhum de nós podia imaginar o que aconteceria. Os gémeos eram pequenos, tinham 6 ou 7 anos, corriam por entre os convidados, ignorando os avisos da minha mãe e obrigando a Anne, a nossa governanta de toda a vida, a persegui-los, emitindo à passagem breves pedidos de desculpa.

Naquela noite, nos meus 18 anos, sentia que o céu era o limite para aquilo que poderia fazer. Não seguiria advocacia como o meu pai, nem música como a minha mãe. Acabava de entrar numa das mais prestigiadas universidades de Paris e tinha uma certeza inabalável, daquelas

que só nessa idade se podem ter, de que tornaria o mundo um lugar melhor, de que faria a diferença.

As minhas divagações são interrompidas pela voz da Elena junto ao meu ouvido. «Um beijo pelos teus pensamentos», sussurra. Rodo a cabeça e beijo-a nos lábios. Um beijo doce, com sabor a champanhe. O aroma do seu perfume, intenso e sensual, faz-me sorrir.

«Em que pensas?»

«Estava longe, *chérie*... Numa festa de passagem de ano, com o meu pai e com o Leo, no apartamento de Paris.» Os meus olhos enchem-se de lágrimas.

Ela pousa a taça numa das mesas e coloca os braços em redor da minha cintura.

«É uma recordação boa, não é? Segundo sei, as festas da tua mãe eram épicas.»

«Tens razão. A minha mãe é única.»

«Eloise Hubert é uma lutadora, uma vencedora. Chegou onde chegou depois de superar coisas que a maioria de nós não conseguiria.»

Limpo os olhos com as costas da mão, fito-a, e dou-lhe um beijo. Sorri, e, como sempre acontece, faz aparecer duas covinhas nas bochechas. «Anda, temos de voltar para a festa», declaro.

«Ah..., quase me esquecia porque é que vim interromper os teus pensamentos. A Mari Cármen e a Lola pedem, por favor, e disseram para eu sublinhar o “por favor”, para tocares qualquer coisa.»

«Não posso, não consigo!»

«Vá lá... Há quanto tempo não tocas? Toca só uma ou duas músicas para lhes fazeres a vontade.»

Tudo o que não me apetece é sentar-me ao piano. Olho para ele, do outro lado da sala, majestoso. Um piano que demorei anos a escolher e que acabou por vir da Áustria, agora serve de peça de decoração da sala.

Sem força para continuar a argumentar, encaminho-me até lá. Os nossos amigos seguem-me de imediato, sentando-se nos sofás e no tapete. Num momento faz-se silêncio absoluto. As luzes da árvore de Natal, que quase toca o teto, mantêm o seu ritmo constante, dando à sala um brilho ora azul, ora dourado.

O que me ocorre primeiro é tocar uma música de Preisner, talvez por ser uma obra inacabada, talvez pelo contexto da perda. Pouso suavemente as mãos sobre as teclas. Há muito que não as sentia por baixo dos dedos. É uma textura inconfundível. Sem me aperceber, estou a tocar e a sala enche-se com o som de *Song for the Unification of Europe*.

Quando o som do piano se extingue, segue-se um instante de silêncio, para logo ecoar um aplauso emocionado, de uma plateia fiel. As notas misturam desgosto com alegria, grandiosidade com humanidade e, no fim, deixam-me mais leve. Sem esperar que alguém peça, volto a colocar os dedos sobre as teclas, abano a cabeça e inundo a sala com o som alegre da *Garota de Ipanema*.

Depois do meu pequeno concerto improvisado, todos voltam às suas conversas distribuindo-se em pequenos grupos, no interior e no exterior da sala. Movimento-me entre os convidados, ouço planos para o novo ano e queixas sobre o que agora termina. Rio-me com as histórias da Lola e as situações hilariantes que acontecem diariamente no seu café.

Onde está a Elena? Olho em volta, não a vejo. É sempre igual, o coração acelera, as mãos suam, a respiração torna-se presente e o ar parece mais pesado.

Vou até ao terraço que, protegido por um acrílico transparente, permite uma visão ampla sobre o jardim, três pisos abaixo.

A Elena está sentada numa cadeira, lá em baixo, ao lado da piscina.

Consigo ver fumo no frio da noite. Será que voltou a fumar? Porque é que não me disse nada? É isso que anda a esconder? Está alguém ao seu lado, parece a Mari Cármen, a sua colega de consultório e amiga de longa data. Estão muito próximas, parecem tocar-se. Será que se passa alguma coisa entre elas? Claro que não, que pensamento estúpido!

As minhas mãos tremem, voltou aquela sensação de náusea que surge quando o meu pensamento voa para lugares negros e obscuros. Volto a olhar lá para baixo, o jardim está vazio.

* * *

A Elena surge à porta do terraço e, com um gesto, convida-me a entrar. Segura nas mãos duas taças, ainda vazias, que esperam para brindar ao novo ano.

Um vestido preto justo, colado ao corpo, alterna veludo com um tecido semitransparente, e chega-lhe quase aos pés, dando margem para a imaginação. As mangas cobrem os braços até ao punho. As costas abertas deixam ver a pele e fazem adivinhar que não tem nada por baixo. No braço esquerdo, o relógio que lhe ofereci no Natal. Distraída a olhar para ela, quase que me desequilibro com o susto provocado pelo barulho de uma rolha de champanhe que salta, exatamente ao mesmo tempo que, lá fora, milhares de estrelinhas de fogo de artifício ribombam na noite.

Desejos para o próximo ano: Quero amar como nunca. Paixão, desejo... e viajar. Quero a Elena ao meu lado, sem medo de a perder. Os meus desejos confusos são interrompidos por um beijo. A sua língua invade a minha boca, entrelaça-se na minha, e brinca. Afasta-se um pouco, apenas o suficiente para poder olhar-me nos olhos, e murmura «Feliz Ano Novo, *chérie!*».



Elena

O novo ano quer chegar transparente, o céu está límpido, sem uma única nuvem, como se tivesse de ser escrito numa página em branco. Preciso desta transparência na minha vida.

Ouvi-la ao piano é demasiado para mim. Assim que soam as primeiras notas vêm-me as lágrimas aos olhos. Discretamente, abandono a sala e desço até ao jardim. Tenho urgência em sair daqui, preciso de respirar. Paro junto à piscina e detenho-me nos reflexos na água. Choro, sozinha no escuro, na última noite do ano.

Tenho tentado fechar os meus sentimentos numa caixa e manter uma paz fabricada, que me permita continuar o dia a dia da forma mais

funcional possível. Levanto-me, vou ao ginásio, sigo para o café da Lola, bebo um *cappuccino*, ponho o trabalho em dia e sigo para a clínica. É uma rotina rígida que me permite manter a sanidade.

Sinto uma mão pousar firmemente no meu ombro, é a Mari Cármen. «O que é que se passa, miúda? O que é que aconteceu?», pergunta com um olhar que tem tanto de espanto como de preocupação.

«Tens um cigarro?», interrogo, ignorando as suas perguntas. Sem mais, ela estende-me um maço e, logo em seguida, segura um isqueiro aceso à minha frente. Acendo o cigarro e inalo profundamente. Há precisamente um ano que não fumava.

A Mari Cármen concede-me uns minutos de silêncio e depois, direta como sempre, insiste: «Como é que está isso da gravidez? Tu, nos últimos tempos, quase não falas! Tenho respeitado. Não quis ser intrusiva, mas agora... bom, agora quero saber.»

«Não há muito para contar... Fizemos três tentativas. Eu estava superentusiasmada. Acho que ela nem tanto. Na verdade, se queres que seja sincera, acho que ela só aceitou isto tudo porque tem medo de que eu me vá embora.» Apago o cigarro e passo a mão pelo cabelo, esquecendo-me que tem gel. «A nossa relação está cada vez mais complicada, não sei até onde é que vou conseguir resistir.»

Paro de falar e olho para a Mari Cármen que se sentou na cadeira ao meu lado.

Ela não diz nada, e eu continuo: «Contei-te que, depois da primeira tentativa, os médicos pediram mais exames e descobriram que os meus ovários têm pouco potencial. “Pouco potencial”, um eufemismo para dizer que são velhos, ou seja, uma porcaria. Vê como o destino pode ser irónico, com ela, que nunca quis ter filhos, estava tudo normal. Pode ser a doadora dos óvulos. Parecia a solução perfeita. Correu bem, conseguimos os embriões, só que, depois disso, já fizemos três tentativas, e nada.»

Volto a ficar com os olhos enevoados.

«Sentes-te culpada?»

«Não, não me sinto culpada. Só triste. Acho que nunca vou conseguir. Tenho pensado em adotar, mas...»

«Mas o quê?», questiona a Mari Cármen, ela própria mãe de dois gémeos adotados.

«Tu sabes... É tão difícil. Sinto-me cansada, sem opções. Não sei... acho que o problema já não é só a gravidez.»

Tenho noção de que falei mais sobre mim nestes minutos do que durante o ano inteiro.

A Mari Cármen estende-me o maço e oferece-me outro cigarro. Aceito.

«Ouve, miúda, tu não és assim, estás pálida..., estás com um ar miserável, se queres que te diga. Tens de fazer alguma coisa, mudar alguma coisa. É Ano Novo, talvez venha aí a solução. Tens obrigação de tentar ser feliz.»

Quando reentro na sala, vejo a Charlotte no terraço. Aproximo-me da porta e, com um gesto, convido-a a entrar. Ela avança na minha direção, olhando-me de alto abaixo, como se quisesse memorizar cada parte do meu corpo.

Estendo-lhe uma das duas taças vazias que tenho na mão. Por pouco o fogo de artifício não abafa a primeira rolha de champanhe que salta. Enquanto o céu explode numa coreografia de luzes e som, concentro-me nos meus desejos. Beijo-a, olho-a nos olhos e murmuro «Feliz Ano Novo, *chérie!*».

CAPÍTULO 2

10 de janeiro — Alícia Souza

Charlotte

Acordo e olho para a janela. O céu parece ainda não querer despertar. São sete horas e está completamente escuro. A Elena dorme profundamente ao meu lado. Mantém-se na mesma posição em que adormeceu ontem à noite, virada de costas para mim, com a cara escondida na almofada e o cabelo espalhado. Uma das pernas espreita fora do edredão, revelando a ponta das calças que, de tão enroladas, parecem calções. Mesmo a dormir, no seu pijama de flanela de quadrados azuis e brancos, tem uma beleza clássica e de certa forma intimidante. O rosto perfeitamente simétrico e o brilho dos seus olhos verdes anunciam alguém capaz de «fazer acontecer».

Devagar para não a acordar, encosto o corpo contra as suas costas num abraço. Ela vira-se e, sem abrir os olhos, dá-me um beijo. «Bom dia», diz baixinho quase num queixume.

Permaneço imóvel, já completamente desperta. Adoro esta mulher, faria qualquer coisa por ela, e, ao mesmo tempo, sei que não consigo fazer o necessário para ela ser feliz. Revejo mentalmente os últimos meses, as guerras, as palavras duras, os gritos e as lágrimas, os orgasmos e as juras de amor.

Não me vai levar a nada ficar aqui a martirizar-me, penso, decidindo por fim levantar-me. Ela muda de posição, volta a virar-se e fecha os olhos. «Só mais cinco minutos», diz entre dentes.

* * *

São duas e meia da tarde, o anfiteatro está quase cheio. Um ano inteiro com aulas à distância teve este efeito. Agora os alunos querem estar presentes, desfrutam da companhia dos colegas e até mesmo da dos professores, como se fosse algo raro e precioso.

Eu gosto de salas assim, cheias. Cheias de vontade de saber, cheias de ilusões e de esperança, mas também de dúvidas e incertezas.

«Boa tarde, espero que as férias tenham sido revigorantes e que estejam motivados para o resto do semestre», começo. «O tema de hoje é a percepção que temos sobre igualdade de género.» Imediatamente ouve-se um burburinho na sala. «Sem barulho, por favor. É uma aula de debate mas temos de conseguir fazê-lo de forma organizada.» Quando os ânimos acalmam, reinício: «Vamos assumir, como ponto de partida para a discussão, que não há igualdade de género, pelo menos não no que toca a questões económicas, laborais, sociais ou familiares», ou seja, em nada, penso, fazendo um sorriso irónico que espero passe despercebido.

Enquanto falo vou mostrando *slides* com dados que dão conta desta realidade, usando o poder dos números para cativar a assistência. Durante algum tempo sinto que me ouvem com atenção, relativamente sossegados, mas aos poucos a tensão parece acumular-se dentro da sala.

Estou a apresentar um gráfico que mostra as disparidades salariais entre mulheres e homens, quando uma das alunas interrompe: «Professora, isso nunca vai mudar! Mesmo em profissões onde há muito mais mulheres do que homens, são eles que mandam. São sempre eles que ficam com os cargos de poder. Veja, por exemplo, na enfermagem, há muito mais mulheres, mas as chefias são sobretudo homens. E, se querem saber, não é diferente com os médicos ou com os professores...»

«A situação é transversal. Olhem no futebol. Tantos anúncios, tantas campanhas, mas na hora H, eles ganham milhões de vezes mais do que nós, e os treinadores..., os treinadores são quase todos homens. E já agora, porque não dizer, brancos e héteros.» Quem fala é a Samantha,

uma jovem catalã, de pele negra, capitã da equipa feminina de futebol aqui da Universidade.

«Isso não é verdade! Vocês estão sempre com esses argumentos... Os homens ganham mais porque jogam melhor, não é por serem homens. Têm mais público. Têm mais patrocínios. É uma questão de mercado e não de discriminação», intervém um rapaz, que se levantou na parte superior do anfiteatro.

A Samantha continua a argumentar, com emoção e muita raiva contida: «Diz lá..., sim, diz lá, quantas equipas masculinas têm treinadoras? Já se virmos as equipas femininas... E têm menos patrocínios? Não achas que são as televisões que mandam nisso? Dizem-nos o que temos de ver e já está! Claro, são homens que decidem... Ao fim de um tempo, até achamos que a escolha foi nossa.»

Na sala, o barulho é agora ensurdecedor. Trocam-se acusações e esgrimem-se razões, nem sempre da melhor maneira, nem sempre da forma mais educada.

«Por favor, vamos acalmar! Por favor, temos de nos conseguir ouvir uns aos outros», peço, sem grande sucesso.

O rapaz que falou continua de pé, a tentar defender o seu ponto de vista perante um grupo de colegas incrédulos. «Não se deixem ir atrás desses argumentos falsos, vocês não veem, são as pessoas que constroem as suas próprias oportunidades!» Notando que estou a olhar para ele e a ouvir o que diz, dirige-se diretamente a mim: «Não acha, professora?»

Sem me dar tempo para responder, a Samantha grita: «Cala-te! Não sabes o que dizes. É fácil ser filhinho do papá, não é?! Na empresa do teu pai, pagam o mesmo aos homens e às mulheres?»

A discussão está longe de terminar, «Claro que pagam. Se elas forem capazes de fazer o mesmo que eles... Isso das mulheres serem discriminadas é só um discurso fácil para não ver as verdadeiras diferenças.»

«Tu não vês, ou não queres ver?», pergunta, aos gritos, um dos colegas, que também se levantou. «Quantas pessoas tem o conselho de administração dessa empresa, sabes?»

«Sete...»

«E quantas mulheres?»

«Nenhuma. Mas isso não quer dizer nada. Os lugares são por mérito, não por ser homem ou mulher..., vocês não querem perceber...» Faz uma pausa e volta a olhar para mim. «A professora é mulher, é...», gagueja, recompõe-se e prossegue, «... e conseguiu ser uma investigadora respeitada, com um lugar na direção.»

«Queres dizer que sou mulher, negra, lésbica, e que, “mesmo assim”, consegui um lugar? Era isso que querias dizer, não era?» A frieza da minha voz corta o ar como uma lâmina e faz silenciar a sala. «Sim, sou isso tudo, e nenhum desses atributos deveria interessar para me avaliar enquanto profissional.»

«Não..., não era isso que eu queria dizer... »

«Claro que era!», grita a Samantha.

«Claro que era!», repito, já mais calma.

A confusão desapareceu e deu lugar a um silêncio pesado. Ninguém parece ser capaz de dizer mais nada. Lá em cima, ele arruma as coisas e sai, deixando a porta bater com estrondo.

Olho para o relógio, já passam dez minutos das quatro. A aula já devia ter terminado. Respiro profundamente: «Estas discussões são importantes. Obrigam-nos a pensar e a ouvir a opinião dos outros, o que é habitualmente a parte mais difícil. Defendemos a liberdade de expressão, mas não deixo de pensar que nem tudo deveria poder ser dito.» Caminho para junto da secretária e despeço-me: «Boa semana, na próxima aula continuamos.»

Pouso a pasta de pele preta sobre a cadeira e arrumo-a metodicamente, aos poucos a sala vai-se esvaziando. Levanto a cabeça, e vejo o Paco descer a escada na minha direção, acompanhado de alguém que não reconheço.

«Alícia. Alícia Souza», apresenta-se, como se o nome devesse ter algum significado. Permaneço calada e ajeito os últimos papéis dentro da pasta.

O Paco, ao lado dela, intervém, procurando esclarecer a situação: «Charlotte, a Alícia chegou hoje de São Paulo. Ela foi ao gabinete à tua

procura, e eu convidei-a para vir até aqui... Não sabia que íamos ter a oportunidade de assistir a este verdadeiro duelo.»

Na minha cabeça tudo se encaixa num instante. Há dois anos, em colaboração com uma das maiores universidades do Brasil, lançámos o Prémio Bertha Lutz para distinguir, anualmente, o melhor trabalho em Estudos do Género. A Alcía Souza foi a vencedora da edição do ano passado.

«Claro! Alcía, boa tarde, muito prazer. Charlotte Grimaux», apresento-me, embora desconfie que esta é uma apresentação totalmente desnecessária. «As minhas mais sinceras desculpas, não esperava ver-te aqui. E tenho de confessar que toda esta discussão me deixou um pouco perturbada. Como é que é possível que se continue a mitigar as situações e a argumentar como se elas fossem apenas fruto da retórica...», digo, estendendo-lhe a mão.

A Alcía ignora a minha mão estendida e cumprimenta-me com dois beijos. Nem sei se retribuo devidamente, tamanha a minha estupefação.

«Desculpa», digo mais uma vez, «com a pandemia, acho que deixámos de saber até mesmo como nos cumprimentar.»

«Por favor, Professora, não peça desculpas. Estou tão feliz por estar aqui. E ainda mais por poder conhecê-la pessoalmente. Trabalhar consigo é uma honra.» A Alcía fala com uma mistura de sotaques que dá à sua voz uma melodia estranhamente agradável.

«Infelizmente, tenho de vos deixar, vou ter aula agora.» O Paco olha para o telemóvel e pega na mochila. Já quase me tinha esquecido que ele estava aqui.

«Claro que sim, vai. Obrigada por teres trazido a Alcía.»

Saímos para o corredor, o Paco afasta-se, e nós encaminhamo-nos para o meu gabinete, poucos metros adiante. Deixo a pasta no chão e num impulso digo: «Alcía, queres vir tomar um café? Podemos conversar um pouco e ficas a conhecer o bar. É um sítio muito útil», gracejo.

Que convite despropositado. Vou levá-la ao bar? Eu nunca vou ao bar.

Entramos e sentamo-nos, lado a lado, numa pequena mesa de canto, uma das únicas vazias a esta hora. Peço um café com leite, e ela um chá. Olho finalmente para a mulher que está sentada à minha frente. Estamos tão próximas que volto a sentir o seu perfume e a ter a mesma sensação de há pouco.

Para tentar dar alguma normalidade à situação, começo a falar: «Alícia, desculpa a confusão de há pouco. Não é sempre assim!», digo com uma gargalhada nervosa. «Agora de uma forma mais tranquila, queria reforçar que temos mesmo o maior prazer em receber-te. Espero que estes dois anos sejam suficientes para desenvolvermos o projeto. Gostava de publicar pelo menos um artigo em cada ano.» Interrompo o que estou a dizer porque, inesperadamente, ela ergue a chávena, esperando a minha para um brinde.

«Bebo às suas palavras», declara, rindo abertamente, fazendo balouçar os caracóis castanho-dourados.

«Fala um pouco sobre ti, tudo o que sei é que estudaste Sociologia e fizeste um mestrado em Estudos do Género. O teu trabalho sobre as comunidades da Amazónia é soberbo, um justo vencedor do Prémio.» Apesar de fazer várias perguntas, não lhe dou espaço para responder. «Já conhecias Barcelona?»

«Não, é a minha primeira vez. Sou de São Paulo, vivi lá sempre e, sem surpresa, estudei na USP. Acho que não podia trabalhar noutra coisa, toda a minha vida foi passada a ouvir falar sobre discriminação. Os meus pais são advogados. O meu pai é especialista em casos de violência doméstica e a minha mãe trabalha para uma organização não governamental de direitos LGBTQ+. Não sei se foi por causa disso, ou se era de mim, mas desde criança que penso nestas coisas.» Ela volta a sorrir e olha para mim, conferindo que estou a prestar atenção.

Faço um gesto com a cabeça e devolvo o sorriso.

«Não há muito mais para contar... Como eu estava a dizer, crescemos em São Paulo, eu e o meu irmão. Ele é três anos mais velho que eu, estudou Direito, e agora vive nos Estados Unidos. Teve um bebé o ano passado. Com tudo o que tem acontecido, não conseguimos ir ao casamento, e eu ainda nem vi o meu sobrinho.» Por uma fração de segundos, o seu olhar

fica triste. «Antes de saber que tinha ganho o Prémio, estava a pensar seriamente em mudar-me para Nova Iorque. Até me candidatei a um estágio. Infelizmente, não fui aceite.»

Ainda bem que não foi aceite, penso, senão não estaria aqui. A conversa prossegue sem dificuldade, a Alícia fala dos amigos, da casa dos pais no Bairro de Pinheiros, e da experiência na Amazónia.

«Sabe Professora, a Amazónia tem um fascínio que é difícil de explicar. Sempre teve... pelo menos para mim. Quando eu era pequena, sonhava em ser bióloga, queria explorar as florestas, conhecer as pessoas que lá viviam. Era como se fosse uma espécie de mundo mágico. Quando iniciei o mestrado, estavam a começar um projeto sobre a aprendizagem das crianças que vivem em comunidades indígenas. Eles tinham montado uma pequena equipa, e iam passar três meses junto de uma dessas comunidades. Decidi aproveitar a coincidência e pedi ao professor responsável para ir também. Embora a minha ideia inicial fosse estudar as desigualdades de género numa favela em São Paulo, de um dia para o outro, mudei de tema. Seis semanas depois, partimos. Mudou a minha vida... e ganhei o Prémio. Quando me telefonaram, primeiro pensei que era um engano, depois julguei que era um dos meus amigos a gozar..., ainda me custa a acreditar.»

Continuamos a conversar por mais algum tempo, deixando já agendada uma reunião para a próxima semana. Quando nos despedimos é como se fôssemos velhas conhecidas.

Saio da Universidade, entro no carro, mas não ligo logo o motor. Olho para o relógio, são seis e meia. Penso em telefonar à Elena, mas, em vez disso, ponho a música a tocar e o carro é inundado pela voz da Elis Regina.

Sigo a estrada que me leva até à praia. Quero ver o mar. É um desafio quase impossível, pois a esta hora já está noite cerrada.

Volto a pensar na Alícia. Recordo os seus caracóis e os olhos cor de avelã, marcados por olheiras profundas de quem atravessou o Atlântico e ainda não dormiu.

A praia está deserta. Outra coisa não seria de esperar num fim de tarde do início de janeiro. Mesmo assim estaciono, aperto o casaco até ao pescoço e saio. Sem me importar com as botas de camurça, caminho na areia húmida até chegar perto da água. O mar quase não se distingue na escuridão, mas faz-se ouvir claramente. Fico ali parada, em pé, não sei durante quanto tempo.

Tenho de voltar. Retiro o telemóvel do bolso, três chamadas não atendidas e uma mensagem da Elena, avisando-me de que já está em casa. Ligo-lhe.

«Ela parece compreender, e toma-me nos braços, beijá-me a boca, o pescoço, lambe-me a orelha, e brinca com o meu brinco. Somos tomadas pela urgência, pela ânsia do prazer. A conversa inacabada permanecerá inacabada, pelo menos esta noite.»

Entre festas glamorosas, vestidos brilhantes, mulheres poderosas e lobbies profissionais, Elena e Charlotte são o retrato de um casal perfeito, rodeadas de boa comida, boa bebida e amigos ricos como elas, com profissões importantes e preocupações políticas. A verdade, no entanto, é que nenhuma vida é perfeita.

A chegada de Alicia, uma nova aluna de doutoramento, à faculdade onde Charlotte ensina, irá abalar a vida de Elena de uma forma que ela nunca antecipou. A sua ciumenta mulher, sempre tão insegura, muda de repente, trocando-a por Alicia, jovem, livre e fascinada por Charlotte.

Neste arrebatador romance de estreia, A. M. MacAndrew aborda intimamente o amor profundo entre duas mulheres, a atração, o desejo e a fragilidade de todas as relações — mesmo quando há amor.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897847486



9 789897 847486 >